

## O MUQUIFU NÃO É MUSEU, É ESPELHO

### MUQUIFU ISN'T A MUSEUM, IT'S A MIRROR

Silvia Gomes<sup>1</sup>

Ao visitar um museu, se viu refletido nele? Eu sim, no Muquifu. Eu já tinha ouvido falar do Museu Muquifu, mas ainda não o conhecia pessoalmente. Ouvi falar dele ao participar de uma Roda de Conversa, evento que integrou a 17ª Semana Nacional dos Museus, cujo tema foi “Museus como Núcleos Culturais: O Futuro das Tradições”, que ocorreu no dia 13 de maio de 2019, no auditório do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas. Neste evento estiveram presentes três representantes de museus de Belo Horizonte, entre eles o Padre Mauro, curador do Muquifu - Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos<sup>2</sup>. Ele falou sobre a história do museu em si e da história que ele conta, incluindo o objetivo da sua criação.

De tudo que foi dito por ele naquele momento, entendi que o museu colocava em evidência as pessoas negras e pobres que foram excluídas da cidade de Belo Horizonte desde a sua fundação no final do século XIX<sup>3</sup>. Pessoas essas que foram simplesmente relegadas a viver nas periferias ou fora dos limites da Avenida do Contorno, em razão do racismo que imperava e continua imperando na sociedade belorizontina e brasileira<sup>4</sup>.

Como graduanda em História, me agradei da proposta do Muquifu. Mas, ao visitar o museu com a finalidade de fazer um trabalho acadêmico, algo inesperado aconteceu. Eu não me deparei com um museu, eu me deparei com um espelho! Ao contemplar o espaço e seu acervo, encontrei a reprodução de um quarto de empregada doméstica, atividade comumente realizada por mulheres negras, não por escolha e sim por falta de opção.

Antes de efetivamente entrar naquele “quarto”, ouvi o Padre Mauro comentar que a atividade doméstica é uma expressão remanescente do passado escravocrata brasileiro. Dentro

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>2</sup> A tese de doutorado de autoria de Mauro Luiz da Silva ou Padre Mauro, que é a referência deste texto, estava em processo de elaboração.

<sup>3</sup> Belo Horizonte foi uma das primeiras cidades brasileiras a ser construída sob um projeto que visou materializar, no espaço físico habitado, a modernidade como conceito e expressão de seu espaço social. Sendo a modernidade e o colonialismo pilares sob os quais o projeto de cidade moderna [...] sintetizou bem seus matizes. Inaugurada em 12/12/1897, a cidade removeu do seu interior os negros, os descendentes dos africanos escravizados, que já habitavam as terras do arraial desde o início do século XVIII, para as periferias e favelas (Silva, 2021, p. 175).

<sup>4</sup> Inaugurada em 12/12/1897, a cidade removeu do seu interior os negros, os descendentes dos africanos escravizados, que já habitavam as terras do arraial desde o início do século XVIII, para as periferias e favelas (Silva, 2021, p. 175). As práticas pastorais de Dom Cabral fizeram com que, após sua chegada, tivesse início o deslocamento das manifestações do Reinado do interior dos templos, contribuindo para que as populações negras passassem a ocupar as periferias e favelas da nova cidade (Silva, 2021, p. 190).

daquele local minúsculo o que chamou, primeiramente, minha atenção foi umas inscrições nas paredes. Aquelas inscrições, a princípio, me pareceram ser fruto de algum ato de vandalismo. Quando me aproximei e as observei com mais cuidado, percebi que estava equivocada, na verdade aquelas inscrições eram registros feitos, propositalmente, por vários moradores da favela vizinha ao museu.

Comecei a ler com interesse aquelas breves mensagens<sup>5</sup>, que muito me emocionaram e trouxeram à tona passagens da minha vida. Eram mensagens de carinho e agradecimento de filhos e netos de empregadas domésticas vivas ou falecidas, que, com seu trabalho, haviam provido o sustento de suas famílias. Eu me vi ali! Aquelas mensagens e aquele local despertaram minhas memórias. Comecei a me lembrar das histórias que minha mãe havia me contado, e que, vez por outra, reconta, sobre como era tratada nas casas de família em que morou e trabalhou quando veio morar em Belo Horizonte.

Histórias de exploração e humilhação, tais como de trabalhar de domingo a domingo, de comer carne, ou possivelmente, almoçar o que sobrasse após a refeição dos seus patrões, ser ameaçada de expulsão da casa da patroa, caso não fizesse o que a patroa mandasse e até mesmo de ser coagida a entregar a própria filha, ou seja, eu, para outra pessoa, porque a patroa não a queria com uma criança em sua casa, dentre outras coisas.

A visita ao museu despertou em mim reflexões a respeito da minha vida, que, até então, não havia tido. Minha mãe, na prática, tinha sido escravizada em pleno século XX, não é fácil me dar conta de que sou filha de uma ex-escravizada. É perturbador pensar que algo como a escravidão com todas as suas mazelas e horrores, que parecia algo tão distante no tempo, faça parte da minha história de vida e de tantas outras pessoas. O museu me mostrou que o passado não passou, ao contrário, está presente nesta sociedade que o ignora, preferindo fingir que ele não aconteceu por puro comodismo!

Morei no quarto da empregada junto com a minha mãe, a contragosto de sua patroa, é claro! Para não perder o emprego e ter que morar na rua, minha mãe me deixava, um bebê, sozinha lá dentro para trabalhar. Minha mãe conta que um dia me deixou no quarto, como sempre fazia, e foi trabalhar. Depois de algum tempo começou a sentir algo ruim e logo se lembrou de mim e foi correndo verificar se eu estava bem. Quando chegou ao quarto se deparou

---

<sup>5</sup> Mensagens como: "Minha mãe sempre foi empregada. Agora ela coloca suas esperanças de vida melhor em mim. Não vou desapontar!"; "Minha mãe foi doméstica e me incentivou a estudar, hoje eu trabalho com cinema e audiovisual. Obrigada minha mãe, por sonhar junto comigo!"; "Minha mãe deixava a gente em casa sozinhos 'pra' cuidar (amar, proteger, limpar) 'os' filhos dos patrões 'pra' gente ter o que comer... Te amo (...)" ; "Minha mãezinha foi doméstica. Morei com ela na casa da patroa [,] de filho da empregada, me tornei jornalista, graças ao ProUni. Minha mãe morreu em 2012 e meu coração arde de saudades. (...)".

com a seguinte cena, de acordo com ela, eu, uma recém-nascida cujo umbigo ainda não havia caído, que nem engatinhava, comprimida de cabeça para baixo entre a cama e a parede, sangrando muito e desfalecida. Aflita ela me pegou no colo e começou a me sacudir na tentativa de me reanimar. Segundo ela, eu estava com aparência cadavérica e muito ensanguentada, porque a cama que me imprensava contra a parede estava bem na região do meu umbigo, que foi arrancado com o trauma, o que, provavelmente, deu início ao sangramento. Depois de algum tempo, eu recobrei a consciência e tudo ficou por isso mesmo. A patroa da minha mãe, indiferente à gravidade da situação, segundo ela, apenas sugeriu que me desse um pouco de água para eu reagir, mas em momento algum a orientou a me levar ao médico e ela também, no desespero, nem pensou nisso. Parece enredo de novela, mas não é, é a vida real de boa parte das brasileiras negras, pobres e sem instrução como minha mãe, que ainda se submetem ou já se submeteram a ganhar o seu sustento em condições de trabalho análogas à escravidão, para não deixar faltar nada para seus filhos.

O Muquifu se propõe a contar histórias tão ou mais tristes do que essa. Enquanto museu que sobrevive de doações, se esforça para preservar a memória dos marginalizados de Belo Horizonte, os negros. A cidade idealizada teve sua fundação marcada pela discriminação contra os negros que ali moravam. A Comissão Construtora da Nova Capital, no final do século XIX, expulsou os moradores, em sua maioria negros pobres, do antigo Curral Del Rey para que a nova capital do estado de Minas Gerais fosse erigida para seus futuros habitantes - os brancos<sup>6</sup>. Eles, por sua vez, foram morar nas cercanias da cidade, enquanto a Comissão Construtora destruía o pouco que conseguiram construir, como, por exemplo, a igreja de Nossa Senhora do Rosário, demolida em 1897<sup>7</sup>. A intenção era apagar todo e qualquer vestígio do passado colonial<sup>8</sup>. Queriam virar a página, como se diz popularmente. A República marcava um recomeço e, conseqüentemente, um rompimento com o passado. E Belo Horizonte era a

---

<sup>6</sup> O projeto urbanístico elaborado pela Comissão Construtora da Nova Capital não previa a permanência da população negra na região central do Arraial. Essas ações faziam parte dos ideais republicanos, que interferiam sobremaneira nas políticas de ocupação do território. O contexto social e político do período pós-abolição no final do século XIX carregava a perspectiva de um pensamento ainda colonizado e eurocêntrico, no qual as trajetórias do sujeito branco e masculino pareciam ser o único caminho possível para se pensar as dinâmicas do mundo (Silva, 2021, p. 195).

<sup>7</sup> A Capela do Rosário abrigou também, em seu adro, um cemitério para os membros da Irmandade, no extinto Largo do Rosário, onde permaneceu até 1897, quando uma decisão para a transferência da capital do Estado de Minas Gerais leva à demolição do templo, por decisão da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), que inicia seus trabalhos em 1894, tendo como Engenheiro Chefe Aarão Reis (Silva, 2021, p. 91).

<sup>8</sup> A demolição das casas curralenses gerou material para a construção de diversas pontes provisórias sobre os cursos d'água locais. As madeiras de lei pertenciam às casas do antigo arraial que em ritmo acelerado eram demolidas, extinguindo todo o tecido colonial visando à abertura das moderníssimas ruas projetadas, consolidando-se o racionalismo do qual nasceu a capital (Silva, 2021, p. 126).

manifestação concreta e palpável desse novo regime<sup>9</sup>. A cidade se desenvolveu mantendo a segregação imposta desde o seu planejamento.

No início do século XX, a Igreja Católica, influente como sempre na sociedade, reforçou a discriminação contra a população negra, proibindo a realização da festividade do Rosário<sup>10</sup>. Uma manifestação religiosa de origem africana que traz consigo a identidade do povo negro.

No século XXI, a prefeitura de Belo Horizonte, por meio do Programa Vila Viva<sup>11</sup>, se dispôs a fazer intervenções nas vilas e favelas com o objetivo de urbanizar estes espaços, com pouca ou nenhuma infraestrutura, resultado da ocupação desordenada e de anos de descaso. Todavia a administração pública municipal fez isso sem levar em conta o interesse da comunidade, destruindo construções que contavam a história da ocupação daquele espaço, desconsiderando a memória e a identidade formadas ali no decorrer do tempo, o que era para ser benefício acabou se transformando em prejuízo para os moradores<sup>12</sup>.

O Muquifu busca também resgatar a história do complexo de favelas, do qual a Vila Estrela faz parte, e de seus moradores, comprometida pelas ações do Programa Vila Viva, além de apresentar a dura realidade vivida por eles, a quem foi e ainda é negada a cidadania<sup>13</sup>. Diga-

---

<sup>9</sup> A nova capital nasce na primeira infância da República, simbolizando um novo momento histórico, com uma proposta de ruptura com o passado e abertura ao novo (Silva, 2021, p. 143). A cidade de Belo Horizonte foi constituída sobre as bases de um debate político que se pautou nos valores de modernização que algumas cidades europeias vivenciavam na época. Buscava-se construir aqui uma cidade republicana, moderna, organizada aos moldes do positivismo e, para isso, para o êxito dessa empreitada, era preciso partir do nada, como se nada existisse aqui, como afirma Aarão Reis a respeito de sua obra, Belo Horizonte “teve a felicidade de ser traçada em um plano onde não havia ainda construções que embaraçassem os seus projetos” (DIÁRIO DE MINAS, 26/10/1926, p. 2) (Silva, 2021, p. 232).

<sup>10</sup> Em reportagens do jornal Gazeta de Minas, jornal semanal que circulava na cidade de Oliveira, consta que, já em 1923, Dom Cabral tratava da temática da proibição do Reinado. Entretanto, tal proibição foi registrada em dois documentos com ordens diretas do bispo, documentos esses datados dos anos de 1923 e 1927. As festas do Rosário sofreram perseguições por parte da Igreja Católica, justamente a partir da chegada do novo bispo diocesano e através de declarações sobre os Reinados, expressão pela qual também é conhecido o Congado (Silva, 2021, p. 193).

<sup>11</sup> O Programa Vila Viva é uma intervenção estruturante com ações baseadas em três eixos: urbanístico, social e jurídico. São obras de saneamento, remoção de famílias, construção de unidades habitacionais, erradicação de áreas de risco, reestruturação do sistema viário, urbanização de becos, além de implantação de parques e equipamentos para a prática de esportes e lazer. O eixo social engloba ações de desenvolvimento comunitário, educação sanitária e ambiental e criação de alternativas de geração de trabalho e renda. Já o eixo jurídico só pode ser implementado após o término da urbanização do local, para que a área possa ser legalizada e emitidas as escrituras dos lotes aos ocupantes. BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Urbel). Vila Viva. Belo Horizonte: PBH, 2023. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/vila-viva>. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>12</sup> A forma como o espaço físico é apropriado revela as dinâmicas do poder, em sua inscrição materializada no espaço habitado, e serve tanto para a reafirmação quanto para a subtração de poder, através do ofuscamento da memória e da identidade de um grupo ou classe (Silva, 2021, p. 181).

<sup>13</sup> A Paróquia Nossa Senhora do Morro é uma Rede de Comunidades formada pelas vilas Santa Rita de Cássia (Morro do Papagaio), Barragem Santa Lúcia e Vila Estrela. Por um período, entre os anos 90 e 2010, havia outras duas vilas que compunham a paróquia: Vila Esperança e Vila São Bento, que foram demolidas pelo Programa Vila Viva da PBH em 2016, não existem mais (Silva, 2021, p. 215, nota de rodapé).

se de passagem, esse assunto, ainda que seja importante, não tem importância para o poder público (municipal, estadual e federal) e nem para outras instituições/organizações da sociedade civil. O que explica o fato de o museu não receber nenhum investimento do poder público ou doação de instituições/organizações da sociedade civil. Afinal, pra que empregar dinheiro num local que promove a preservação da memória e identidade dos negros pobres, invisibilizados ao longo da história da cidade de Belo Horizonte? Pra que dar visibilidade, ao que e a quem se quer esconder?

## **REFERÊNCIA**

SILVA, Mauro Luiz da. **O patrimônio sacro da Arquidiocese de Belo Horizonte e o afro-patrimônio de Belo Horizonte:** da Capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Curral Del Rey (1819) à Igreja das Santas Pretas da Vila Estrela (2018). 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.